



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS

JOEDSON BENTO DE ARAUJO

**O TOTALITARISMO TUPINIQUIM: UMA ANÁLISE DO CRESCENTE
APARECIMENTO E DISSEMINAÇÃO DE DISCURSOS TOTALITÁRIOS NOS
MEIOS VIRTUAIS**

CAMPINA GRANDE – PB
2024

JOEDSON BENTO DE ARAUJO

**O TOTALITARISMO TUPINIQUIM: UMA ANÁLISE DO CRESCENTE
APARECIMENTO E DISSEMINAÇÃO DE DISCURSOS TOTALITÁRIOS NOS
MEIOS VIRTUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) na área das Letras, habilitação em língua portuguesa, apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tânia Maria Augusto Pereira

CAMPINA GRANDE
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663t Araujo, Joedson Bento de.

O totalitarismo tupiniquim [manuscrito] : uma análise do crescente aparecimento e disseminação de discursos totalitários nos meios virtuais / Joedson Bento de Araujo. - 2024.

32 p. : il. colorido.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024. "Orientação : Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira, Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "

1. Totalitarismo. 2. Análise dos discursos. 3. Sujeito. 4. Ideologia. I. Título

21. ed. CDD 401.41

JOEDSON BENTO DE ARAUJO

O TOTALITARISMO TUPINIQUIM: UMA ANÁLISE DO CRESCENTE
APARECIMENTO E DISSEMINAÇÃO DE DISCURSOS TOTALITÁRIOS NOS MEIOS
VIRTUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para
obtenção do título de Graduado em Letras –
Língua Portuguesa, pela Faculdade de
Linguística, Letras e Artes (FALLA), da
Universidade Estadual da Paraíba, Campus I,
Campina Grande – PB.

Aprovada em: 14 /08/2024

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. TÂNIA MARIA AUGUSTO PEREIRA (Orientadora)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB



Prof. Dr. JOSÉ DOMINGOS – (Examinador) UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA – UEPB



Profª. Dra. DALVA LOBÃO ASSIS – (Examinadora) UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA – UEPB

À minha mãe, que com tanto esforço,
dedicação, amor e carinho, sozinha, me criou,
DEDICO.

“Minha dor é perceber

Que apesar de termos

Feito tudo o que fizemos

Ainda somos os mesmos

E vivemos

Ainda somos os mesmos

E vivemos

Como os nossos pais”

- Antonio Carlos Belchior

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	SOBRE OS CONCEITOS DISCURSIVOS	10
2.1	A Ideologia	10
2.2	A Memória Discursiva	12
3	SOBRE A QUESTÃO DO TOTALITARISMO OU O “FASCISMO ETERNO” (ECO, 2018)	14
4	O TOTALITARISMO, A PROPAGANDA E A MÍDIA.....	16
4.1	As Mídias de Massa e os Movimentos Totalitário	16
4.2	Na Era das Mídias Sociais Virtuais	19
5	A PRESENÇA DOS DISCURSOS TOTALITÁRIOS NAS MÍDIAS VIRTUAIS	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	29

O TOTALITARISMO TUPINIQUIM: UMA ANÁLISE DO CRESCENTE APARECIMENTO E DISSEMINAÇÃO DE DISCURSOS TOTALITÁRIOS NOS MEIOS VIRTUAIS.

RESUMO

Durante a história da humanidade, as sociedades se mostraram fontes de proliferação cada vez mais férteis dos ideais aversos a democracia e ao estado democrático de direito, o totalitarismo ganhou, e ainda ganha com o passar dos anos, o poder de nos comandar e guiar nossas vidas através de discursos dicotômicos, que funcionam num entremeio de uma parte da sociedade que se entregou a frustração e busca no extremismo discursos que os acolham. O comando desses grupos pode vir tanto por escolha da própria população, atraídos por esses discursos, como aconteceu com a Alemanha Nazista, como pode também vir através de golpes deliberados sem o apoio popular, como é o caso da Ditadura Militar Brasileira e da Ditadura Militar Chilena. Fato é que, esses movimentos fascistas se destacam por uma forma de agir. Foi assim com o Fascismo Italiano, e continua assim, no “Ur-Fascismo”, proposto por Eco (2018). O trabalho se baseia na questão central “Como os discursos totalitários são disseminados e aparecem nos meios virtuais?”. Quanto aos objetivos, definimos como objetivo geral do trabalho, analisar discursos que circulam em páginas da internet ligadas a ideias fascistas, totalitárias e movimentos antidemocráticos. E, nos objetivos específicos, temos: a) entender como o fascismo e as ideias totalitárias aparecem e funcionam nos enunciados; b) traçar um paralelo junto as características do “fascismo eterno”, apresentadas por Eco (2018); c) analisar dentro do *corpus* a ideologia e memória discursiva presente no objeto de estudo.

Palavras-chave: Totalitarismo; Análise dos discursos; Sujeito; Ideologia.

ABSTRACT

Throughout human history, societies have increasingly become fertile grounds for the proliferation of ideals opposed to democracy and the democratic rule of law. Totalitarianism has gained—and continues to gain over the years—the power to command and guide our lives through dichotomous discourses, operating within a segment of society that, having succumbed to frustration, seeks in extremism discourses that offer them solace. The leadership of these groups can arise either from the population's own choice, drawn in by such discourses—as happened with Nazi Germany—or through deliberate coups without popular support, as in the cases of the Brazilian Military Dictatorship and the Chilean Military Dictatorship. The fact remains that these fascist movements are characterized by a distinctive mode of operation. This was true for Italian Fascism, and it continues in the form of "Ur-Fascism" as proposed by Eco (2018). This study is based on the central question, "How are totalitarian discourses disseminated and manifested in virtual spaces?" Regarding the objectives, the general aim of this study is to analyze discourses found on internet pages associated with fascist, totalitarian, and anti-democratic movements. The specific objectives include: a) understanding how fascism and totalitarian ideas appear and function within these discourses; b) drawing a parallel with the characteristics of "eternal fascism" as presented by Eco (2018); and c) analyzing the ideology and discursive memory within the study's corpus.

Keywords: Totalitarianism; Discourse analysis; Subject; Ideology

1 INTRODUÇÃO

As raízes dos problemas sociopolíticos do Brasil estão muito mais encrustadas dentro da nossa história do que muitos acreditam, desde o desembarque dos portugueses no País e toda a tentativa de domínio em cima dos nativos, com destaque aos Tupiniquins, os primeiros a receberem os Portugueses no litoral brasileiro. Foi na manipulação dos Tupiniquins que tudo começou, é a origem do “Totalitarismo Tupiniquim”, brasileiro desde sua nascença.

Ao estudarmos os movimentos históricos e políticos que tiveram seus respectivos lugares na sociedade, verificamos um crescente interesse da humanidade na criação e instauração de ideais e ideologias estritamente ligados ao totalitarismo político, movimento que visa privar minorias de direitos básicos à existência. É na ação desses movimentos e ideais totalitários que se pauta o presente trabalho, principalmente na sua ação e forma de agir nos meios virtuais.

Houve linhas de pensamento político obscurecidas, principalmente devido à carga histórica e genocida que persegue essas vertentes e movimentos, essa face radicalizada politicamente, a qual a internet nos proporcionou que fosse vista com mais clareza. O mundo contemporâneo tornou mais evidente a existência de uma radicalização cada vez mais latente, existente nos discursos disseminados. O que vemos diariamente é uma concretização de enunciados politicamente radicais em lados distintos, esse clima ajuda a criar um ambiente de incertezas político-sociais muito grande.

Nesse contexto, com essa realidade, podemos notar uma crescente onda de discursos de cunho fascista, que é o movimento mais evidente e em pauta atualmente, mesmo que de forma “disfarçada”. Podemos perceber esse crescimento, principalmente com o aumento da popularização de políticos ligados a extrema direita, com falas e ideais tomadas por pós-verdades e comentários contra movimentos minoritários. Esses discursos também aparecem em outros movimentos, totalitários por si só, e que estão presentes nas políticas públicas e na sociedade, tanto em esfera nacional como na mundial.

Os movimentos que surgem na defesa de ideais totalitários e fascistas não são atuais. Eles buscam se renovar no mundo contemporâneo e aparecer em/de diferentes formas. O fascismo foi um movimento sócio-político muito atuante em meados do século passado, principalmente no período entre guerras. Alguns líderes conhecidos foram, e ainda são, seus grandes representantes. Dentre eles, podemos citar principalmente Benito Mussolini, *il duce* (o duque) como era conhecido, foi o “pai” do fascismo, aplicando-o na Itália no período em que esteve no poder, entre 1925 e 1943.

Junto a Mussolini, surgiram nomes como Adolf Hitler, Francisco Franco, Antonio de Oliveira Salazar, e, alguns citariam ainda Getúlio Vargas, ditador tupiniquim entre os anos de 1930-1945. Inspirado no fascismo italiano, Vargas tomou políticas específicas como suas em seu governo, uma grande prova disso foi a adoção da *carta del lavoro* italiana, como inspiração à nossa Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

Dessa forma, o fascismo clássico aparece como uma doutrina antidemocrática, num estado totalitário, nacionalista, com grande ênfase no militarismo e em uma figura central de líder máximo. Como já visto tantas outras vezes na história, o culto a esse líder é uma das características fundamentais na formação de um Estado com um governo totalitário, baseando-se nesse como representante da força dos ideais defendidos pela máquina estatal totalitária.

Em 1995, o escritor e pensador italiano Umberto Eco (1932-2016) participou de uma conferência de celebração da libertação da Europa na *Columbia University*, nos Estados Unidos. Foi nesse contexto que ele apresentou o termo “fascismo eterno”, ou, “*Ur-fascismo*” (Eco, 2018), nome homônimo da conferência que o professor ministrou. Essa mesma conferência originou um livro, no qual o autor apresenta as principais ideias transmitidas. Além do mais, o

livro serve como uma fonte de consulta para que consigamos identificar as políticas fascistas na contemporaneidade.

No Brasil, tivemos exemplos de movimentos fascistas desde o surgimento de Mussolini. Muitos políticos e eleitores ainda se aproximam das ideias antidemocráticas. Não é difícil encontrarmos exemplos disso por aqui, podemos ver exemplos desses movimentos no Brasil, seja com Getúlio Vargas, com os Integralistas ou até mesmo no período de Ditadura Militar.

Os Integralistas surgiram durante o primeiro Governo Vargas, numa época onde houve um “boom” de surgimentos de movimentos totalitários, influenciados principalmente pelo Fascismo Italiano, o Movimento Integralista funcionou como uma organização política de extrema-direita criado em meados do século XX, de ordem nacionalista e fascista, desenvolvida e criada pelo escritor brasileiro Plínio Salgado, eram conhecidos como “os camisas verdes”, devido as suas vestimentas, e tinham como cumprimento padrão estender o braço direito sob os gritos da palavra indígena “ANAUE”.

Assim, trazendo para um contexto contemporâneo, foi com o advento da internet, se tornando um meio indispensável e cada vez mais fundamental em nossas vidas, que o aparecimento e a circulação de discursos totalitários se tornaram mais presentes e constantes, pois as pessoas que os disseminam se sentem mais confortáveis para compartilhar essas ideias no meio virtual e “anônimo” que a internet e as redes sociais dão a impressão de proporcionar.

A forma como os meios virtuais funcionam ajudaram na popularização desse tipo de ideia. A suposta máscara de anonimato, proporcionado pelo ambiente virtual ajuda para que esse tipo de ideologia seja disseminado. Desse modo, esses movimentos ganham cada vez mais partidários, graças a uma generalização de que na internet tudo é possível.

Por se tratar de um movimento, em sua maioria de ordem nacionalista, toda a estrutura dos grandes movimentos totalitários passa pela língua, pela afirmação de uma língua como imagem nacional e como consolidação do poder e desejo do movimento, como faziam os integralistas bradando “*Anauê*” (Figura 1), em defesa do Tupi como a língua verdadeira e original do povo brasileiro, ou, até mesmo com o “*sieg heil*”, utilizado no período nazista aliado à saudação romana pelos partidários da ideologia hitlerista.

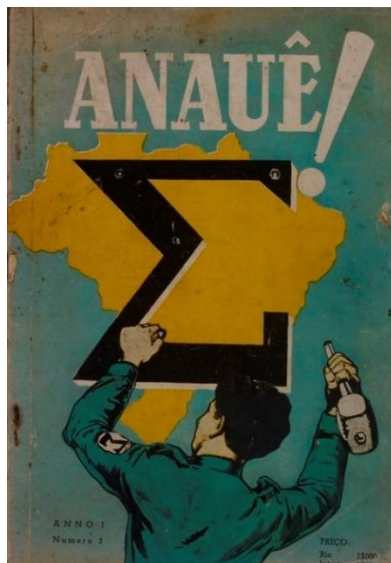
Por toda a estrutura dos movimentos totalitários passar por uma afirmação da língua, a fomentação e compartilhamento de discursos totalitário que buscam dividir a sociedade é peça fundamental nesse quebra cabeça, são discurso utilizados para enfraquecer e conquistar uma sociedade através da separação e segmentação em grupos distintos, maniqueístas e rivais, o conhecido “eles” contra “nós”.

Esse enfraquecimento na intenção de conquistar é o objetivo central inicial do funcionamento desses movimentos dentro da sociedade, pois, cidadãos dentro de uma sociedade enfraquecida ética e ideologicamente por esses discursos encontram no outro pontos de divergência muito mais facilmente que qualquer semelhança, tornando as relações interpessoais da sociedade, acontecimentos esses definitivos nas resoluções sociopolíticas.

Além da materialidade linguística presente nessas relações discursivas, o que vemos na atualidade são discursos que buscam angariar cada vez mais *status* para movimentos ligados a essas ideologias. Discursos que, às vezes, estão no *corpus* extralinguístico, disseminados por anônimos no meio virtual ou por figuras públicas conhecidas.

Figura 1¹ – Capa da Revista “Anauê!”

¹ ANAUÊ. **Que República é Essa**, 2021. Disponível em: <https://querepublicaessa.an.gov.br/index.php/querepublica-e-essa/centrais-de-conteudo/achados-e-erdidos/319-anaue?highlight=WyJpbmRlZ3JhbGlzbW8iXQ==>. Acesso em: 2 de maio de 2024.



Fonte: Que República é Essa, 2021

No contexto de um Brasil contemporâneo em que o principal campo de batalha dessas discussões é justamente a internet, o meio virtual ajudou a democratizar a informação e tornar ainda mais fácil o acontecimento dessas disputas sócio-políticas, é nesse meio onde temos o surgimento de ideais cada vez mais radicais e extremas.

Nesse trabalho, buscamos entender como essas ideias se disseminaram através dos discursos marcados desses movimentos. Além disso, em um período que foi marcado por disputas ideológicas de lados distintos, verificamos, com a análise dos textos e responsáveis pelas páginas que os compartilharam, quem são os responsáveis pelo compartilhamento desses ideais, e o que torna propício o Brasil ser um ambiente tão prolífico para o aparecimento de ideias desse tipo.

Fica cada vez mais evidente que a língua é um dos mais importantes meios, se não o mais importante, de disseminação do totalitarismo. Movimentos que levantam essa bandeira se utilizam da língua e dos discursos regidos por ela para se afirmar e se manterem relevantes na sociedade. O entendimento desses discursos nos ajuda a impedir que sejam ainda mais normatizados e tenham mais adeptos.

Esse estudo está situado no campo discursivo da A.D. Pecheuxtiana e tem embasamento teórico em Camargo (2019), Brandão (2004), Fernandes (2008) e Eco (2018), na intenção de traçar um paralelo entre os discursos dos movimentos totalitários e as ideias do “Fascismo eterno”, propostas por Eco.

A identificação, a problematização e a segregação dos enunciados totalitários devem ser tomadas como a porta inicial para o combate desses discursos, que irá determinar se eles prevalecerão ou não, se permanecerão sendo maiores e constantes ou se essa normatização por trás deles irá cair e a sociedade finalmente perceberá a importância do combate de tais discursos. Nosso objeto de pesquisa são publicações de *sites* e *blogs* ligados a movimentos totalitários brasileiros, tais como: “integralismo.org.br”, “aquartahumanidade.blogspot.com” e “pliniosalgado.com.br”, além de páginas ligadas aos movimentos que se encontram facilmente nas redes sociais.

Metodologicamente, a primeira etapa da pesquisa foi a seleção dos textos utilizados como exemplos do funcionamento dos discursos totalitários nos meios virtuais. Em seguida, buscamos entender o funcionamento dos discursos totalitários, além do percurso histórico tomado para as suas formações, e o motivo da sua crescente popularização nas últimas décadas.

Na análise dos textos, os conceitos de “memória discursiva” e “ideologia” foram recorrentes e basilares para o entendimento dos discursos proferidos. As formações ideológicas

são marcadores fundamentais dentro do entendimento desses discursos, pois permitem que os sujeitos se insiram nessas falas.

Buscamos traçar uma cronologia da crescente onda de totalitarismo no Brasil para entender quão nocivos podem ser esses enunciados e como devem ser combatidos. Entendendo que o nosso papel como professores e estudantes é buscar a liberdade em uma sociedade mais consciente e inclusiva, como uma forma de tornarmos o mundo um lugar mais agradável para todos.

Esse trabalho parte da premissa de analisar discursos totalitários no meio virtual nos últimos anos, mais especificamente, no contexto e período dos anos de 2023 e 2024, período esse de extrema importância para o entendimento do atual contexto socio político do Brasil, um período pós eleição, onde tivemos, justamente, um candidato da extrema direita, lutando peça reeleição contra um candidato líder e representante dos “outros”, uma esquerda política que nos últimos anos se mostrou enfraquecida, principalmente pelos discursos acalorados compartilhados e que ganharam cada vez mais popularidade no meio político.

Sendo assim, partimos da seguinte questão: “Como os discursos totalitários são disseminados e aparecem nos meios virtuais?”. Para podermos responder essa questão, definimos como objetivo geral: analisar discursos que circulam em páginas da internet ligadas a ideias fascistas, totalitárias e movimentos antidemocráticos. E, especificamente, pretendemos: a) entender como o fascismo e as ideias totalitárias aparecem e funcionam nos enunciados; b) traçar um paralelo junto as características do “fascismo eterno”, apresentadas por Eco (2018); c) analisar dentro do *corpus* a ideologia e memória discursiva presente no objeto de estudo.

2 SOBRE OS CONCEITOS DICURSIVOS

2.1 A Ideologia

A Ideologia é fundamental em se tratando das relações políticas e dos discursos ligados a movimentos sociais de qualquer vertente que seja. A ideologia faz parte da fundamental formação do sujeito dentro das relações interpessoais, onde circulam falas, ideias e ideais.

Nesse sentido, Orlandi (2006, p. 46) aponta que o trabalho da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais da existência”. A ideologia aparece justamente para dar materialidade histórica ao discurso trazido pelo sujeito, um lugar histórico-social ao qual pertence o sujeito, também apresentando o contexto em que esse discurso circula, se mostra e aparece como representação da formação dessa situação.

Orlandi (2006, p. 46) diz que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e do sentido”. Não existe sujeito sem ideologia, nem muito menos há sentido sem que exista qualquer resquício de ideologia. Como explica Brandão (2004):

Toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeitos. Nesse processo de constituição, a interpelação e o (re)conhecimento exercem papel importante no funcionamento de toda ideologia, funcionando nos rituais materiais da vida cotidiana, opera a transformação dos indivíduos em sujeitos. O reconhecimento se dá no momento em que o sujeito se insere, a si mesmo e as suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos.” (Brandão, 2004, p. 26)

A ideologia dá ao sujeito o caráter de sujeito, exercendo uma função de formação do mesmo, deixando evidente que não existe em nenhuma situação um enunciado neutro, livre ou independente de sentido ou carga ideológica, um enunciado que não funciona na intenção de

trazer um lugar seu, um local de constituinte, que busque expressar e demonstrar o seu lugar social e político dentro da constituição do discurso formador.

Camargo (2019, p. 172) indica que “as formações ideológicas aparecem como marcadores constantes nos discursos, porque permitem que os sujeitos se inscrevam dentro das formações discursivas, que acabam por determinar as possíveis posições dos sujeitos”.

Falar de formação ideológica é compor e tratar sobre a formação do sujeito, que se trata do próprio e da sua criação e formação como tal dentro da ideologia. Althusser (1970, p. 77) aponta que “a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência”. Essa afirmação está relacionada ao caráter imaginário da formação ideológica de um sujeito, além, claro, de sua relação direta com as relações de classe dentro da formação discursiva do sujeito.

Para Brandão (2004, p. 46), “O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isso é, é um dos aspectos materiais da ‘existência material’ das ideologias”. É nessa instância de materialidade linguística que as relações de classe aparecem pois, através de enunciados e formações discursivas, as classes dominantes apresentam ideias que tem por intenção fazer com que o sujeito se sinta independente e dono do seu pensar, quando na verdade não é isso que ocorre.

Sobre isso, Brandão (2004), completa que

Na reprodução das relações de produção, umas das formas pela qual a instância ideológica funciona é da ‘interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico’. Essa interpretação ideológica consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor da sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. (Brandão, 2004, p. 46)

Fica evidente que cada formação ideológica não é formada por um ponto de vista tomado do nada, mas sim, por uma congruência e união de discursos que buscam caminhar em direção a um ponto comum na defesa de uma tese e ponto de vista inicial, baseado e tomado como verdadeiro a partir, além da relação entre classes estabelecidas e dos enunciados, também do conjunto de formações discursivas.

Sem sujeito não há discurso ou qualquer tipo de enunciado com marcação ideológica, mas é também nesse ponto que entendemos que o assujeitamento só é possível graças a formação ideológica de cada indivíduos já que é a partir das marcas de ideologia que podemos entender a existência daquele como um sujeito.

O sujeito não existe sem a ideologia, ao ponto que a ideologia também não existe sem ações do sujeito, apresentando, de certa forma, um paradoxo de existência como sujeito livre, ao ponto de que essa liberdade talvez não seja algo realmente palpável, não chegar a ser real, mas sim, aparece como sendo algo totalmente artificial que tem por intenção causar um sentimento falso de liberdade, uma liberdade alienada e condicionada na formação de discursos pré-formados.

Como dito por Orlandi (2006),

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento. (Orlandi, 2006, p. 50)

É no contexto de assujeitamento que o sujeito se forma e toma lugar dentro dos enunciados. Uma relação de classes, onde as classes dominantes tem o poder sobre o discurso, fazendo com que o sujeito ideológico passe a ser subjulgado a uma falsa liberdade que carrega

os discursos dos interesses dessas classes, como um processo de alienação do sujeito, em busca da dominação das classes operárias e menos abastadas por um processo capitalista de dominação dos enunciados.

Representado pelos aparelhos ideológicos do estado, conceito proposto por Althusser (1970), como apontado por Pêcheux (1995), o estabelecimento desses aparelhos como máquina ideológica das classes dominantes não se dá por si só, mas funcionam como peça fundamental dentro da representação e consolidação de uma luta de classes, que busca não deixar o sujeito apenas assujeitado às condições, contextos e alienações das classes dominantes.

De um ponto de vista Bakhtiniano, sobre a ideologia, Girola (2006) nos apresenta que
 Tudo o que é ideológico, segundo Bakhtin, possui um significado e remete a algo que está situado fora de si mesmo. Assim, tudo o que é ideológico pode ser chamado de signo. Sem os signos não há ideologia. Um objeto físico converte-se em signo, quando, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir em certa medida uma outra realidade. Todo instrumento de produção pode se revestir de um sentido ideológico. (Girola, 2006, p. 319)

Seguindo esse conceito podemos entender muito do que acontece com a formação de movimentos político-ideológicos, pois, movimentos como esse, tem a intenção de tornar signos representantes de suas ideologias, em suma, tornar objetos, figuras famosas, gestos ou até mesmo obras da arte, peças representativas para reconhecimento desses movimentos.

Nos movimentos fascistas é comum a tomada de exemplares e símbolos nacionais para situar o movimento, por exemplo, na tomada da camisa da Seleção Brasileira como símbolo de um movimento desse tipo, na intenção de demonstrar e cativar cada vez mais adeptos a partir de um símbolo visual que faz parte não só do imaginário coletivo nacional, mas também se tornou uma peça cultural evidente dentro da população devido a popularidade de sua representação.

Girola (2006, p. 321) nos explica ainda que “a realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A existência do signo é a materialização da comunicação social”, assim, deixa claro que, para Bakhtin, o signo ideológico faz parte da luta de classes tomada pela sociedade burguesa.

Essa luta busca superar o signo do coletivo a partir da tomada do seu imaginário com signos ideológicos representativos de sua classe como sendo característicos de todas as classes, mas com clara intenção de funcionar como peça no jogo de alienação praticado pelos burgueses, tendo na palavra a representação desse fenômeno ideológico e sua mais sensível constatação, é no campo das palavras que há a formação de batalhas discursivas na intenção de afirmação do signo ideológico.

2.2 A Memória Discursiva

Sobre a “memória discursiva”, Fernandes (2008, p. 45) defende que é um espaço de memória que funciona como condição do funcionamento discursivo, seu constituinte dentro de um corpo-socio-histórico-cultural. Esse conceito se refere diretamente as condições sócio-históricas e bagagem carregada por um discurso que vai passar a definir todo o campo de formação discursiva do enunciado.

Para Courtine (1981), o termo "memória discursiva", define algo distinto de qualquer memorização, que os psicolinguistas considerem explicar os processos cognitivos envolvidos na memória dos textos, ou seja, a presença da memória fala sobre a materialidade histórica dos discursos dentro dos aparelhos ideológicos de estado, está relacionado diretamente a questões da ordem social de formação dos discursos.

As relações entre discursos e suas condições de produções podem envolver o que é falado na enunciação. Para ter no discurso uma produção de sentido, é importante termos em

mente o contexto sócio-histórico em que o discurso foi criado e compartilhado, as formações ideológicas que o levaram a acreditar no que falam, e que os tornaram assujeitados.

Como aponta Fernandes (2008, p. 43), “os aspectos ideológicos e políticos do discurso se apresentam importantes semanticamente, pois refletem o lugar histórico-social onde os discursos foram produzidos”, ou seja, é importante entendermos os contextos que propiciaram o desenvolvimento e propagação das ideologias que se mostraram, com o tempo, supressoras dos direitos civis.

É dentro desse âmbito do desenvolvimento de um lugar histórico-social para a evolução de uma manifestação ideológica que podemos observar a formação dos enunciados como propagação das políticas que versam sobre conceitos antidemocráticos, demonstrando inúmeros possíveis pontos de partidas para o desenvolvimento dos discursos desse meio. Como indicado por Pêcheux (1990, p. 53), “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugares a interpretação.”

Com esses conceitos apresentado, podemos entender esses enunciados, além de sua formação e objetividade ideológica, ele passa por uma camada interpretativa, um entremeio no espaço do significado desses discursos que servem para delimitar os espaços de formação, além do que se pretende com esses, e é partindo desse entremeio que a análise do discurso parte em busca de um resultado para entender o motivo da existência desses enunciados.

É nesse contexto de materialização da memória discursiva dentro dessa formação que Scherer e Taschetto (2005) propõem, que

O funcionamento do discurso supõe que os operadores linguageiros só funcionam com relação à imersão em uma situação, quer dizer, levando-se em consideração as práticas de que eles são portadores. Isso coloca em cena uma negociação entre o choque do acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória que coloca em jogo “uma crucial passagem do visível ao nomeado”, no qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar – restabelecido pelos implícitos mediante o efeito da repetição e da regularização: a condição do legível em relação ao próprio legível. (Scherer e Taschetto, 2005, p. 121),

É na ideia de formação da memória discursiva que encontramos um ponto de permissão para o encontro entre partes distintas na análise desses discursos, justamente como apresentado por Pêcheux (2007), essa memória discursiva deve ser entendida “nos sentidos entrecruzados de memória mítica, da memória social inscritas em práticas, e da memória construída do historiador”.

Nesse sentido também Pêcheux (2007), nos explica que,

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discurso-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (Pêcheux, 2007, p. 52)

Ou seja, a memória tem como papel central, revisitar o que já aconteceu, funciona como base da formação discursiva desses enunciados na retomada dos “implícitos”, num jogo que visa sempre essa retomada ao que já foi tratado e que faz parte do “contrato” da formação histórica daquele enunciado, materializando os acontecimentos históricos em discursos e buscando retomar os implícitos.

No entanto, essa retomada histórica da memória não pode ser levada como algo “cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório”, como indicado por Pêcheux (2007), se faz evidente a

necessidade de adaptação da memória a um espaço móvel de convivência do discurso, onde a retomada do implícito muitas vezes pode ser deslocada.

O real histórico influencia diretamente na formação discursiva de cada relação dentro dos enunciados se tornando uma necessidade na construção desses significados, as necessidades de retomada imagética se caracterizam assim no funcionamento da memória discursiva dentro da análise das falas e ideias passadas nos discursos que circulam na sociedade.

3 SOBRE A QUESTÃO DO TOTALITARISMO OU O “FASCISMO ETERNO” (ECO, 2018)

O totalitarismo e suas facetas são difíceis de entender principalmente devido a sua debilidade filosófica, como nos apresenta Eco (2018), mas não impossível, sobre o manto do totalitarismo se escondem fascistas com estratégias claras de dominação dos discursos sociopolíticos correntes, num jogo mental que tem o claro interesse de se apropriar de uma parcela da população que se encontra, muitas vezes, desiludida com a classe política nacional, e que vê nesses movimentos uma esperança. Trasvestidos com as cores nacionais, os militantes desses movimentos buscam se apropriar de símbolos e ideias nacionais, juntos a um agressivo jogo propagandista, esses discursos alcançam e angariam cada vez mais adeptos a suas ideias até o ponto em que tenham força suficientes para suprimirem as forças democráticas de direitos e cheguem ao poder.

Arendt (2013, p. 303) comenta que,

[...]por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora — sejam as camadas não totalitárias da população do próprio país, sejam os países não totalitários do exterior. (Arendt, 2013, p. 303)

Assim, sendo a propaganda parte fundamental no desenvolvimento da ideologia totalitária, a língua e a semiótica, presentes nos discursos publicitários, se tornam fundamentais na análise do exercício dos grupos envolvidos com esses documentos. É característico dos movimentos fascistas, departamentos, ministérios ou bancadas extremamente ligados, ou até mesmo dedicados exclusivamente, à propaganda e divulgação de materiais onde a propaganda se mistura e passa a se confundir com folhetins e manifestos doutrinários dos movimentos.

Eco (2018), sobre as características do fascismo clássico, nos diz o seguinte:

Ao contrário do que se pensa comumente, o fascismo italiano não tinha uma filosofia própria. O artigo sobre o fascismo assinado por Mussolini para a Enciclopédia Treccani foi escrito ou inspirou-se fundamentalmente em Giovanni Gentile, mas refletia uma noção hegeliana tardia do “Estado ético e absoluto”, que Mussolini nunca realizou completamente. Mussolini não tinha qualquer filosofia: tinha apenas uma retórica. Começou como ateu militante, para depois firmar a concordata com a Igreja e confraternizar com os bispos que benziam os galhardetes fascistas. Em seus primeiros anos anticlericais, segundo uma lenda plausível, pediu certa vez a Deus que o fulminasse ali mesmo para provar sua existência. (Eco, 2018, p. 11)

A fala de Eco demonstra um “desprendimento” do viés filosófico fascista. Essa característica diz respeito sobre o contexto em que se cria, e se adapta, de acordo com as necessidades de existência do movimento, tudo para se manter no poder de um estado totalitário regido a duras represálias contra movimentos contrários, portanto, essa característica se torna, peça fundamental da formação ideológica fascista.

Apesar desse desprendimento da questão filosófica por parte do fascismo clássico, que por si só constrói, de certa forma, uma parte da ideologia fascista de um ponto de vista onde essa faz parte direto das características dos movimentos ligados a esses ideais em suas formações durante a história. Arendt (2013) nos ajuda a entender explicando que:

O verdadeiro objetivo do fascismo era apenas a tomada do poder e a instalação da “elite” fascista no governo. O totalitarismo jamais se contenta em governar por meios externos, ou seja, através do Estado e de uma máquina de violência; graças à sua ideologia peculiar e ao papel dessa ideologia no aparelho de coação, o totalitarismo descobriu um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente. (Arendt, 2013, p. 290)

Fica evidente então, a formação de um jogo psicológico e discursivo que busca demonstrar sua força através da coação e convencimento das grandes massas em ideais ligados aos movimentos fascistas e seus submovimentos, que buscam, em suma, de forma descentralizada ideologicamente, apresentar cada vez mais alternativas ideológicas para se portarem como fascistas e se radicalizarem cada vez mais dentro do espectro político-social.

Ainda em se tratando do que foi informado por Fernandes (2008, p. 43), “novas perspectivas políticas e ideológicas, que provocam o surgimento de um novo cenário cultural, são aspectos inerentes à formação de um discurso”. Por mais que a maioria dos movimentos totalitários não se baseiem em novas perspectivas políticas e ideológicas, fica evidente a sua formação discursiva marcando o surgimento de um novo cenário sociocultural.

Já encrustados em nossa sociedade, esses movimentos tomam cada vez mais espaço, e a internet é peça fundamental nesses jogos discursivos. Sua propaganda se dissipa e é compartilhada, elencando pontos importantes do ponto de vista discursivo pois, como apontado por Arendt (2013, p. 303), “nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda”. E mesmo que não aja nesse contexto o terror físico, a propaganda é sempre compartilhada na intenção de gerar um terror pelo medo causado pelas suas ideias.

É nesse contexto de imposição de um viés ideológico que surge uma “luta ideológica de classes”, como apontado por Pecheux (1995, p. 146), “a dominação da ideologia (da classe) dominante, que é caracterizada no nível ideológico, pelo fato de que a reprodução das relações de produção ‘subjuga’ sua transformação[...]”. Buscando se afirmar dentro de um espaço, antes, tenta, forçadamente se impor, e não encontram dificuldades nem muito menos resistência ao se instalarem em um lugar extremamente prolífico para a sua afirmação. É nas classes mais abastadas da sociedade que vemos constantemente os ideais totalitários darem uma chance de manter as regalias, e cativar essas classes prometendo aumentar todas as oportunidades de crescimento de uma classe já no alto.

Ao tratar sobre esse “Ur-Fascismo”, como intitula Eco (2018), o autor nos apresenta que

O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. Isso explica por que uma das características típicas dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos. Em nosso tempo, em que os velhos “proletários” estão se transformando em pequena burguesia (e o lumpesinato se autoexclui da cena política), o fascismo encontrará nessa nova maioria o seu auditório. (Eco, 2018, p. 39)

E é nesse contexto de afirmação de uma “classe média frustrada”, como indica Eco (2018), que, por mais que muitas vezes o terror físico não consiga se concretizar, há um claro e inerente terror psicológico, característico desses grupos, que busca angariar novos partidários a partir do medo causado por esse terror, instaurado através de um discurso violento, que se desenvolve pautado no populismo e também em ideais segregatícios, desenvolvidos para se

mostrar de acordo com supostas ideias relacionadas com o senso comum da população geral. É nesse sentido de subordinação, imposto pelos discursos totalitários, que Pecheux nos aponta:

A objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do ‘todo complexo com o dominante’ das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes. (Pecheux, 1995, p. 147)

A ideia dos movimentos totalitários é se impor através de um discurso que tem unicamente ideia de não só declarar, como também impor uma guerra de classes, onde a classe “inferior” será sempre subjugada. Juntando todos esses acontecimentos, esse contexto caótico e maniqueísta de sociedade propicia a criação e o surgimento de um sentimento de “nós” contra “eles”.

Para além disso, durante a fase que antecede a tomada do poder por parte desses movimentos totalitários, o que surpreende, como aponta Arendt (2013), é, “a criação de organizações de vanguarda, ou seja, a definição da diferença entre os membros do partido e os seus simpatizantes”, esse surpreendente expediente organizacional, presente nesses movimentos, serve como uma forma de blindar a cúpula central dos partidos fascistas, seus líderes, na intenção de afastar os partidários “comuns” e impedir a sociedade em geral de alcançá-los, ao ponto que buscam essa âncora justamente nesses vanguardistas.

O que mais torna evidente esse aparato organizacional, é, para além da blindagem que fornece aos líderes, o fato desse movimento dentro dos grupos totalitários fazer com que os mesmos tenham uma face na normalidade, apesar do caráter anormal de sua criação e tentativa de dominação, como se fizessem parte corrente da sociedade.

Sendo assim, a face desses aparatos, são homens e mulheres, aparentemente “normais”, que buscam influenciar a sociedade de forma a normalizarem a presença dos ideais fascistas nos discursos cotidianos, ou seja, ao mesmo ponto que blindam os líderes dos movimentos, buscam também, com essa influência, participarem como uma espécie de “ponte”, na intenção de angariar mais adeptos a essas ideias, fazendo parte direto da máquina de alienação fascista.

Arendt (2013), nos indica ainda que,

Não há dúvida de que os movimentos totalitários atacam o *status quo* mais radicalmente que qualquer antigo partido revolucionário. Podem dar-se ao luxo desse radicalismo, aparentemente tão inadequado para organizações de massa, porque a sua organização proporciona um substituto temporário para a vida comum, não política, que o totalitarismo realmente procura abolir. (Arendt, 2013, p. 322)

É nessa ideia de normalidade, e na aparente substituição do normal por suas ideias que as políticas antidemocráticas não apenas surgem, mas se perpetuam e buscam seus lugares dentro da sociedade. Junto a tudo isso, se esvai a democracia, e com ela, toda a liberdade de uma população cada vez mais suprimida por ideais que podem se tornar um quadro social insustentável.

4 O TOTALITARISMO, A PROPAGANDA E A MÍDIA

4.1 As Mídias de Massa e os Movimentos Totalitário

Não é novidade que, principalmente nos últimos anos, os cenários virtuais que conhecemos viraram um campo fecundo para o crescimento de ideias e movimentos sócio-

políticos. A liberdade de escolha e de propagação de falas que a internet proporciona demonstra a facilidade de compartilhar informações e opiniões, facilidade essa que influencia também no crescimento de movimentos que buscam, justamente, cercear a liberdade política e instaurar grupos, que até certo momento da história, pós segunda guerra mundial, pareceu que tinham sido esquecidos, mas, foi na internet que voltaram a ganhar espaço. Em meio aos fóruns, redes sociais, *blogs* e *sites*, esses grupos encontraram seus lugares de existir na sociedade conectada do século 21.

Durante a história, os meios de propagação de informação em massa foram fundamentais para a afirmação dos movimentos políticos totalitários. O Nacional Socialismo, por exemplo, tinha na propaganda uma peça fundamental do desenvolvimento da sua ideologia, não à toa, uma das principais figuras do Partido Nazista foi o Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels (1987-1945).

Sobre isso, Bonvicini (2021), aponta que

Um dos principais recursos utilizados pelos nazistas foi introduzir modelos de pensamentos autoritários e intolerantes através da repetição de perspectivas de mundo padronizadas e do apagamento de pluralidade de opiniões nos meios de comunicação de massa. Eles aproveitaram a capacidade dos meios de comunicação de massa de criar necessidades inventadas e confundi-las com demandas humanas básicas de sobrevivência. (Bonvicini, 2021, p. 51)

Ainda hoje, esses movimentos utilizam desses recursos para seduzir seus participantes e fazer valer sua base partidária. Os nazistas, à sua época, utilizaram e aparelharam o Estado Nazista, com o cinema, o rádio e os jornais, os meios de comunicação mais fortes da época. Na atualidade, com a mudança do perfil das mídias de comunicação em massa, as redes sociais e a internet servem como palco da disseminação desses ideais totalitários, fazendo-se valer ainda, dos mesmos recursos e forma característica de se fazer presente desses movimentos.

Não é difícil encontrar ideias nazistas encrustadas em pensamentos compartilhados em redes sociais, fóruns e *blogs*, pensamentos esses compartilhados por pessoas “comuns”, conceitos que ganham cada vez mais espaço e que ganharam popularidade, graças a capacidade desses movimentos de cativar através de pensamentos aparentemente inofensivos.

Bonvicini (2021), ainda afirma que

[...] o Estado Alemão produziu materiais de divulgação da ideologia nazista em todos os formatos de comunicação existentes na época: pôsteres, filmes, folhetos, panfletos, cartões postais, brochuras etc. Os textos e imagens eram trabalhados meticulosamente com o objetivo de cancelar ou distorcer qualquer visão externa crítica ao regime, além de trazer a ideia de que a Alemanha precisava se proteger para defender o bem estar do povo ariano. (Bonvicini, 2021, p. 57)

Ou seja, o Estado totalitário Nazista não se privou, nem ficou parado na busca de formas para se firmar, buscou sempre novos meios de disparar e compartilhar suas ideias, isso fica evidente até na forma como utilizaram as imagens e meio de comunicação visuais para atrair a população analfabeta.

É característico dos movimentos totalitários que se apropriem do visual e da propaganda, através de imagens que transpassem seus ideais de superioridade, seja racial, nacional ou intelectual, o que realmente importa é afirmar e representar a classe política que defendem.

E é, nesse cronograma, que a agenda da propaganda nazifascista segue, até o momento em que começa se afirmar no poder, pois, como afirma Arendt (2013)

Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo (o que só é feito nos

estágios iniciais, quando ainda existe a oposição política), mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias. (Arendt, 2013, p. 303)

É nesse contexto de medo, de um caos social inerente, causado pela doutrinação totalitária e pela visão dos conhecidos “inimigos do Estado”, que acontece o compartilhamento das propagandas totalitárias, nesse caso em específico da propaganda nazista, mas que perdura também para outros movimentos e células fascistas. Como apresentado por Bonvicini (2021)

[...] o código penal fascista utilizou o conceito de inimigo do Estado e a aplicação de medidas de segurança pública de combate a essa ameaça para justificar as perseguições arbitrárias contra os judeus, as chamadas ‘razões de contenção’ que duravam tempo ilimitado. (Bonvicini, 2021, p. 64)

Ou seja, é no contexto discursivo de propaganda política-doutrinária, que os movimentos totalitários buscam afirmar suas convicções, muitas vezes ligadas a supressão de grupos minoritários diversos, e que, resultam em ações e movimentações extremas, como é o caso do holocausto, um dos maiores assassinatos em massa de um grupo étnico na história da humanidade.

Na atualidade, muito desse ódio pregado pelos movimentos totalitários buscam segregar grupos minoritários cada vez mais em pauta na atualidade, como por exemplo, os homossexuais, negros e mulheres, a misoginia, o racismo e a homofobia são frequentes no desenvolvimento da retórica fascista, sempre apresentando esse grupo minoritários como inimigos das “pessoas de bem” que fazem parte desses movimentos.

Cria-se assim uma agenda do ódio, que fomenta a violência psicológica, as vezes física, mas que, acima de tudo, representa muitas vezes a divisão da sociedade na intenção de enfraquece-la, levando para casa de muitos a normalização dos discursos que institucionalizam o preconceito como sendo peça chave na formação ideológica desses movimentos, entregando a essas figuras o papel de inimigos do estado totalitário que venha se forma a partir da presença desses movimentos.

Como podemos ver no cartaz de divulgação do filme “O Judeu Eterno” (Figura 2), o ódio fomentado por minorias é algo característico e que fica imageticamente muito explícito ao analisarmos o cartaz onde podemos ver ideias claramente antisemitas e preconceituosas ao representar uma figura demoníaca como sendo um representante caricato de um judeu, grupo tomado como inimigo número 1 do estado totalitário nazista.

Figura 2²- Pôster de 1940, de divulgação do filme nazista “O Judeu Eterno”, que relaciona os judeus ao demônio.

² BONVICINI, Mariane Roccelo. **O fascismo das redes sociais**: como o desenvolvimento tecnológico, os meios de comunicação de massa e as plataformas sociais estimulam comportamentos fascistas. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.27.2021.tde-28092023-113856>. Acesso em: 08 maio 2024



Fonte: Bonvicini, 2021.

Existem estágios, e um claro cronograma, na atuação da propaganda totalitária durante sua existência, esses estágios, além de afirmarem o movimento, estreitam cada vez mais a relação propaganda-doutrinação dentro de um Estado totalitário crescente.

No entanto, essa diminuição de espaço entre a propaganda e doutrina, até que se tornem um só, não é feito de qualquer forma nem em qualquer momento de sua atuação, como pondera Arendt (2013),

A relação entre a propaganda e a doutrinação depende do tamanho do movimento e da pressão externa. Quanto menor o movimento, mais energia despenderá em sua propaganda. Quanto maior for a pressão exercida pelo mundo exterior sobre os regimes totalitários — pressão que não é possível ignorar totalmente mesmo atrás da “cortina de ferro” — mais ativa será a propaganda totalitária. O fato essencial é que as necessidades da propaganda são sempre ditadas pelo mundo exterior; por si mesmos, os movimentos não propagam, e sim doutrinam. (Arendt, 2013, p. 304)

Falar de Movimentos totalitários e sua atuação, é falar de grupos com uma máquina propagandista extremamente eficiente e atuante dentro dos meios de massa e da cultura, com discursos impositivos que buscam sempre a “vitória” dos seus partidários em detrimento de qualquer outro.

Movimentos que se afirmam por meio de ideais e conceitos já presentes no meio social e que sua atuação confirmada através da institucionalização do sentimento de medo, além de buscarem afirmação dentro da sociedade compartilhando posicionamentos na intenção de afirmar as frustrações de uma classe social que não representa toda a população, mas apenas seus próprios interesses.

4.2 Na Era das Mídias Sociais Virtuais

As mídias sociais virtuais potencializaram, e muito, a presença desses grupos e de seus partidários. Não é difícil encontrar, nas redes sociais, exemplos da presença desses movimentos e da potencialização dessas ideias, que, muitas das vezes, tem participação das próprias redes sociais, seja por motivo ideológico, ou, por questões ligadas à tráfego pago e demais formas de obter “engajamento” nesses ambientes.

Em algumas redes sociais suas presenças são um pouco mais “tímidas”, fazendo com que se concentrem, principalmente, em fóruns e *blogs* onde compartilham seus ideais em textos que são um resumo da participação desses grupos durante a história.

Nesses últimos anos, ficou evidente que esses grupos ficaram mais ofuscados no período pós segunda guerra mundial, devido, em grande parte, a concentração de grandes recursos e

investimentos nos movimentos políticos mais eminentes e “menos radicalizados”. No entanto, foi também nesses últimos anos, que ficou claro que esses grupos, muitas das vezes, foram ofuscados, para além do quesito econômico, devido ao controle da mídia considerada “tradicional”, que viu/vê, com o advento e afirmação dos meios virtuais, sua participação dentro da sociedade cada vez mais questionada, graças a mídia chamada “alternativa”, uma das principais responsáveis pelo compartilhamento dos ideais totalitários.

É nesse contexto, que Levitsky (2018), nos informa que,

O outro grande responsável por diminuir o poder dos guardiões tradicionais foi a explosão da mídia alternativa, sobretudo noticiários de TV a cabo e redes sociais. Enquanto o caminho para o reconhecimento nacional de um nome passava antes por relativamente poucos canais estabelecidos, os quais favoreciam mais políticos do *establishment* que extremistas, o novo ambiente midiático facilita que celebridades alcancem o reconhecimento de seus nomes – e apoio público – praticamente da noite para o dia. (Levitsky, 2018, p. 69)

Com o surgimento das mídias alternativas, os movimentos que ganharam força e se consolidam cada vez mais se apropriaram de técnicas de convencimentos das grandes massas através de um populismo barato, característico desses movimentos. Além disso, foi através da “pós-verdade” e de sua afirmação dentro de uma sociedade cada vez mais polarizada que esses movimentos e ideologias foram ganhando cada vez mais esse espaço dentro do contexto virtual proporcionado pela internet.

O conceito de “pós-verdade” é extremamente pertinente para que possamos entender o funcionamento da participação desses grupos dentro da mídia moderna, esse, que apesar de ser um conceito que ganhou popularidade nos últimos anos não é tão atual assim, e somando-se a ideia de “*fake News*”, se mostram extremamente pertinentes para o entendimento de determinados discursos.

São formas de atuar que estiveram junto dos movimentos totalitários durante todos os momentos em que exerceram (ou tentaram) o poder durante a história, basta ver o funcionamento da máquina de propaganda Nazista durante o período pré e durante a Segunda Guerra Mundial.

Sobre o conceito de “pós verdade”, Siebert e Pereira (2020) contextualizam o seguinte:

O termo pós-verdade data de 1992, cunhado pelo jornalista Steve Tesich, serviria para definir o comportamento dos americanos perante o caso *Watergate*, nomeando uma série de abusos de poder relacionados ao governo do então presidente Richard Nixon. O autor sugere que os cidadãos americanos passem a reagir de forma diferente à verdade depois do caso, associando-a a sentimentos negativos e problemas. Por sua vez, essa relação negativa com a verdade faria com que as pessoas tendessem a se proteger contra ela e suprimir seus efeitos, dando força a políticas totalitárias. (Siebert e Pereira, 2020, p. 243)

Os autores completam ainda, discutindo sobre o termo, que:

A definição de pós-verdade nasce atrelada ao gesto político, significando uma sociedade que se importa mais com seu bem-estar diante das informações do que com a qualidade delas ou sua ligação com o real. Guiado pela ideologia, o sujeito é inclinado a ser seletivo no que toca a suas crenças, admitindo como verdadeiras as informações que conferirem reforço discursivo à sua posição ideológico-histórica. (Siebert e Pereira, 2020, p. 243)

Fica evidente que a pós-verdade e todos os contextos criados a partir dela propiciam a formação e criação de Estados totalitários e/ou na afirmação de movimentos ligados a essas

ideologias, a criação de uma verdade fictícia ajudam na inclusão das ideias desses movimentos, recriar e reescrever ideias e notícias faz parte da formação do estado totalitário, é uma ação ligada intrinsecamente as raízes de seus movimentos.

Sempre apontando inimigos centrais, esses grupos buscam e encontram seus lugares na afirmação das frustrações e necessidades de um povo, com promessas sempre mirabolantes e segregatícias, buscam se popularizar apontando ideais em comum da sociedade para que possam se mostrar de acordo com as necessidades de um povo, para que, posteriormente, no poder, possam tomar os direitos de um sociedade na intenção de manutenção da classe social burguesa, que é, quem mais ganha com a popularização desse movimentos.

Dentro dos discursos desses grupos, sempre vai ser “eles” contra “nós”, sempre os comunistas contra o “povo de bem”, os ateus contra os religiosos, os “adoradores do diabo” contra os “representantes de Deus”, sempre os certos contra os errados, os à esquerda contra os à direita... E são nesses exemplos que a maioria desses movimentos se encontram, fazendo com que cresçam de forma exponencial e se façam cada vez mais presentes, primeiro no meio virtual, e em segundo lugar dentro da sociedade moderna.

5 A PRESENÇA DOS DISCURSOS TOTALITÁRIOS NAS MÍDIAS VIRTUAIS

O Fascismo e os movimentos totalitários em seu tempo de auge, quando estiveram no poder, se apropriaram, não só das artimanhas ideológicas na busca de se firmarem, mas também, utilizaram aspectos visuais e cômicos na intenção de demonstrarem os ideais dos movimentos e tentar, através disso, compadecer e demonstrar aos seus partidários que esses movimentos estão alinhados com os desejos e intenções do povo.

Nesse contexto, essa movimentação por parte desses movimentos, que atuaram de forma mais contundente durante o período entre guerras, no começo do século XX, fica evidente na atuação do Movimento Nacional Socialista alemão, Hitler e seus partidários, usaram de formas de persuasão e jogos mentais para apresentar e cativar a população alemã, apresentando os inimigos do povo alemão e demonstrando que o nazismo estava ali para acabar com a corrupção e dar aos alemães novas perspectivas e chances de viverem vidas melhores.

Ao subjugar minorias étnicas e políticas, os judeus e comunistas de forma mais contundente (Figura 3), além de tantas outras minorias que foram subjugadas durante o regime do partido, sempre, é claro, não só idealizando, mas se pautando e colocando a frente de suas decisões uma figura central, que no caso do Nazismo, foi Adolf Hitler, além disso, buscando colocar a nação alemã como soberana e acima de qualquer importância dentro das decisões tomadas.

A atuação de movimentos remete a atuação dos atuais grupos ideológicos representantes das classes ligadas aos Movimento, indicando um claro interesse na preservação de uma memória-discurso que se interliga diretamente a atuação dos movimentos no século passado, onde tiveram seu auge.

Figura 3³: Cartaz anticorrupção da campanha política nazista de 1920 que mostra um punho nazista esmagando os judeus e comunistas

³ PROPAGANDA nazista anticomunista. Folha de S. Paulo, 2019. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1629837826368278-propaganda-nazista-anticomunista>. Acesso em: 2 de maio de 2024.



Fonte: Folha de São Paulo, 2019.

Essa forma de agir, apesar de parecer antiquada e fora de época, não perdeu seu lugar e ainda tem seu valor para esses movimentos, que apesar de terem deixado os cartazes de lado até certo ponto (esse hábito ainda existe dentro desses movimentos), não deixaram de lado as ideias que os mesmos desejam passar. Os cartazes como os presentes na Figura 3, influenciaram não só visualmente a atuação dos movimentos contemporâneos, mas tem em seu conceito a maior forma de influência aos movimentos atuais, que encontraram outras formas de influenciar, se adequando as tecnologias atuais, sem deixar o uso de cartazes e atrativos visuais no caminho.

Não é complexo entendermos essa relação entre o fascismo de antigamente com o fascismo da atualidade, esse apressado por uma memória histórica e visual do que esses movimentos foram no passado, nos remetem a conceitos e ideias contidos dentro da movimento histórico-cultural fascista, sobre a memória contida nesse contexto discursivo, político e histórico, Scherer e Taschetto (2005), refletem, ao tratar das ideias de Pêcheux sobre o assunto, que

Pêcheux não dissocia memória do histórico e do político. E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, segundo Pêcheux, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior. (Scherer e Taschetto, 2005, p. 122)

Sendo assim, a memória como algo que não pode ser esquecida na hora de se analisar um texto, seja ele qual for, o uso dessas estratégias comunicativas por parte desses grupos tem claro apelo e intenção de fazer lembrar do que os movimentos foram no passado, e das estratégias que eles utilizaram.

Nos dias atuais os discursos desses movimentos são compartilhados de diversas outras formas, a contar pelas inúmeras alternativas que esses movimentos tem atualmente, seja com o compartilhamento de imagens modificadas por inteligência artificial, sejam por textos doutrinários compartilhados em *blogs* e *sites* dos movimentos, seja em páginas nas redes sociais ligadas aos mesmos.

Figura 4⁴ – Cartaz do Movimento Integralista Brasileiro, na cidade de Brasília.



Fonte: Twitter/X, 2024.

Um exemplo da atuação desses movimentos pode ser percebido e justificado dentro do próprio Brasil, basta analisarmos e percebermos na atuação do Movimento Integralista Brasileiro, que tem sua atuação ainda bastante ativa dentro do meio político nacional e que encontra alternativas de divulgação para muito além de cartazes em vias públicas de grandes cidades do país.

Cartazes como o da Figura 4, compartilhado na capital do País, centro político de um país cada vez mais imerso numa onda maniqueísta dentro da política, tem claro apelo propagandista e inspiração no modo de atuação nos movimentos totalitários do passado, é com a compreensão da memória discursiva desses atos que entendemos a influência do fator histórico dentro dos discursos desses movimentos, como nos indica Scherer e Taschetto (2005, p. 122), “[...]o fechamento exercido por todo jogo de força de regularização se exerce na retomada dos discursos e constitui uma questão social”, assim, esses enunciados fazem parte direta do jogo de forças travado por esses movimentos contra outros minoritário dentro dos aspectos sociais na busca na regularização da presença desses movimentos dentro das discussões sociopolíticas.

Sites como integralismo.org.br, aquartahumanidade.blogspot.com e pliniosalgado.com.br, para além das centenas de perfis ligados a esse movimento dentro das redes sociais, funcionam como estopim e acervo do fascismo brasileiro, o movimento integralista, movimento fascista que surgiu em meados do século XX, se concentra, principalmente, na concentração da história de seu movimento através de *sites* do tipo, para se manterem presentes e através dessa história demonstrarem que um movimento que se mantém atuante há tanto tempo não pode estar errado, é através dessa atuação que esses sites se propõem a apresentar uma nova história, algo diferente, a qual a “mídia tradicional” não mostra.

O *site* da “Casa de Plínio Salgado”, por exemplo, é um dos maiores e mais claros exemplares da atuação de movimentos autoritários. Pautado na figura central do movimento Integralista brasileiro, o historiador, jornalista, escritor e político, atuante em grande parte nos meados do século XX, Plínio Salgado (1895 - 1975), os textos e anúncios do *site* tentam endereçar e apresentar o leitor a uma história diferente, alternativa à contada nos livros de história, a “verdadeira” história, que desvencilha o político Plínio Salgado da maldade proposta e análoga aos movimentos totalitários, mas sim, que o aproxima da população, em um jogo mental populista escancarando para os mais atentos.

⁴ PVINI⁰⁷. **EU VI ISSO EM BRASÍLIA QUANDO TAVA LÁ. olha as fotos.** Brasília, 21 de abril de 2024. Twitter: @pvini07BR. Disponível em: <https://x.com/pvini07BR/status/1782055460159258843>. Acesso em: 2 de maio de 2024.

Textos como “Conheça a Verdadeira História - Biografia de Plínio Salgado – ‘Sentinela da Cultura Brasileira’” (Figura 5) e “Quem tem medo de Plínio Salgado?” (Mourão, 2024), publicados no *site*, apresentam e dão ao movimento Integralista a cara do fascismo contemporâneo, apresentando uma nova história do seu líder, supostamente demonizada e mostrando a população que se dispõe a ler seus textos o político como sendo “Sentinela da cultura”, sentinela no sentido de guardião e de personalidade fundamental da cultura nacional, um posto a altura da figura central do movimento, fugindo da ideia popularmente ligada aos movimentos totalitários, de odiosos aos intelectuais e fomentadores da cultura.

Os movimentos de origem totalitárias e abertamente fascistas são conhecidos pela tomada de figuras centrais como representantes máximos de seus movimentos, é sempre muito difícil haver um texto, ou qualquer propaganda que seja ligada a esses movimentos, que não faça referência ou pelo menos cite de alguma forma esse líder central.

A presença de um líder demonstra a força do movimento, além de demonstrar a unificação dos pensamentos e esperança numa figura central cativante, forte e representante central dessa força e dos desejos do movimento e do “povo”, algo ou alguém que tem como papel principal ser a cara do movimento e também dar as caras, obviamente, como líder ideológico e intelectual na formação do cânone literário e artístico desses movimentos. Óbvio, e claramente, que na esfera nacional mais eminentemente, o Movimento Integralista segue isso à risca como sendo representante e exemplo ao tratarmos de movimentos fascistas no país.

Figura 5⁵ - Site da “Casa de Plínio Salgado”.



Fonte: Casa de Plínio Salgado, 2024.

Como é de se esperar, os autores se propõem a apresentar uma nova história, uma verdadeira, diferente da contada popularmente, alimentando, uma calculada guerra de ideias e de fontes históricas, na intenção de reconstruir um passado social e político, propondo novas visões da realidade e do movimento, que facilmente cativa os duvidosos e desacreditados, não só no sistema político como um todo mas também em como em toda a sua base formadora, que busca novas alternativas políticas, com o propósito de fugir “do mesmo”.

É evidente em textos como esse a presença de um desacordo crítico com os fatos históricos, esse desacordo com a criticidade e o pensar se explica em Eco (2018), como característica basilar do fascismo moderno, são nesses discursos e ideias que aparecem, além desse desacordo de ideias, que não é bom para o fascismo, mas que é nele que o mesmo cresce, um ideário irracionalista, também característico dos movimentos totalitários modernos.

⁵ BIOGRAFIA de Plínio Salgado - Sentinela da Cultura Brasileira. **Casa de Plínio Salgado**, 2024. Disponível em: <https://pliniosalgado.com.br/plinio-salgado-biografia/>. Acesso em: 12 de maio de 2024.

Esse tipo de cenário e atuação por parte de movimentos autoritários não é novidade, muito pelo contrário, como reflete Levitsky (2018)

É assim que os autocratas eleitos subvertem a democracia – aparelhando tribunais e outras agências neutras e usando-os como armas, comprando a mídia e o setor privado (ou intimidando-os para que se calem) e reescrevendo as regras da política para mudar o mando de campo e virar o jogo contra os oponentes. (Levitsky, 2018, p. 19)

Fica evidente então, que o *modus operandi* desse tipo de movimento segue um padrão, que se inicia subvertendo o seu meio (e a história, como vimos na figura 5), e, posteriormente, quando chega ao poder, subvertem, além dos seus partidários, todo o meio incluso dentro do aparelho estatal na intenção de curvar todo o organograma hierárquico às vontades do líder do movimento e também da cartilha ideológica que necessita ser seguida na afirmação e presença de movimentos desse tipo.

Para além da formação discursiva que permeia as relações que tratam da questão da memória histórica na criação e compartilhamento desses ideais, a formação ideológica nos discursos desses movimentos fica claro e evidente, principalmente, ao analisarmos sob a ótica da questão do “inimigo de estado” desses grupos totalitários. Para além disso, podemos verificar também a questão religiosa, muito presente quando esse tipo de movimento é estudado, não atoa, tomaram para si o jargão “Deus, pátria e família”, as três bases centrais, proclamadas constantemente, na formação desses movimentos, principalmente no período dos últimos 2 anos, entre 2023-2024.

Esse tipo de relação entre a ideologia e a formação ideológica nos discursos ligadas a esses conceitos, fica evidente, por exemplo, no texto “As duas faces de Satanás (1937)”, transcrito diretamente de uma obra original do Plínio Salgado, no *blog* “aquartahumanidade.blogspot.com” (Figura 6), já no título do *blog* em questão, “A Quarta Humanidade”, percebe-se a ideia do Movimento se apresenta como uma nova alternativa, uma quarta, que foge da direita, esquerda ou centro, tentando, uma vez mais, se apropriar das frustrações de um sociedade já desiludida com a classe política.

Com a leitura desse texto, pode-se verificar a atuação da formação ideológica nos discursos desses movimentos, ao constatarmos a clara ideia do autor em propor e demonstrar as razões pelas quais o comunismo e seus partidários seriam o próprio mal encarnado.

O *blog* onde foi reproduzido o texto em questão (Figura 6) reflete bastante a aura do Movimento Integralista e de movimentos da mesma estirpe deste. Além do enaltecimento de Plínio Salgado como figura central do movimento, o apresenta como autor do texto de cunho doutrinário com o desejo de apresentar a faceta de um Plínio Salgado para além de um mero político, mas, como sendo representante intelectual do movimento, se assegurando numa competência artística na escrita de uma prosa política que visa claramente chamar novos partidários a sua causa dentro do operariado, com um texto carregado de um populismo barato característico em texto de cunho ideológico, que tem justamente a meta de se fazer importante e representativo para os movimentos dentro desse contexto.

Figura 6⁶ – Texto “As duas faces de Satanás (1937)”, transcrito de forma integral no *blog* “A Quarta Humanidade”

⁶ VASCONCELOS, Sérgio. As duas faces de Satanás (1937). **A Quarta Humanidade**, 2024. Disponível em: <https://aquartahumanidade.blogspot.com/2024/05/as-duas-faces-de-satanas-1937.html> Acesso em: 12 de maio de 2024.



Fonte: A Quarta Humanidade, 2024

Além disso, o texto, que se mostra claramente de cunho doutrinário-ideológico, apresenta uma figura religiosa, representante das forças do mal, para tratar sobre um grupo político oposto, intimando tanto o proletariado quanto a burguesia para fazer parte de uma clara guerra armada e ideológica contra o comunismo.

No texto presente na Figura 6, dentro da proposta de Eco (2018), das características do fascismo moderno, podemos verificar algumas que se destacam. Não é difícil ligar esse apelo religioso do texto junto ao “culto pela tradição”, presente nesses movimentos através de um sincretismo religioso e primitivo cada vez mais evidente, além disso, o apelo à uma classe social frustrada e a uma “obsessão por conspiração”, apresentando os comunistas como sendo representados pela figura de Satanás, se somam ao texto em um claro intuito de funcionar como uma cartilha de alienação e de funcionamento como texto doutrinador da ideologia do Movimento Integralista Brasileiro.

Medeiros (2009) nos apresenta que “as formações ideológicas se caracterizam por serem elementos capazes de intervir como uma força em confronto com outras na conjuntura ideológica de uma determinada formação social.”, ou seja, a ideia por trás de um texto ideológico-doutrinário como “As duas faces de Satanás”, é, justamente, intervir diretamente na conjuntura da política como um todo.

Mas, não é apenas na formação discursiva que esses discursos atingem, buscam fomentar e trazer para essa discussão a subjetividade de cada participante do movimento, na pretensão, justamente, de extinguir o ideal de coletividade e focar na questão mercadológica. O sujeito ideológico aqui é fomentado pelo ódio e frustração de uma classe burguesa que já não aguenta mais o crescimento dos direitos da classe trabalhadora, e que tenta recrutar novos participantes nessa guerra ideológica.

Além disso, é na subjetividade de cada participante de seu movimento que textos como “Patriotas Inglórios”: A violência esquerdista” (Figura 7), de Mesquita (2023), para o *site* “integralismo.org”, passa a ser constatada e demonstrada, numa clara tentativa de reescrever os acontecimentos do dia 8 de janeiro de 2023. Fazendo valer a figura de seus inimigos de estado, a esquerda política, o autor tenta traçar paralelos entre os acontecimentos do dia 8 de janeiro, na tentativa de um golpe de estado, por parte de militantes da extrema direita, com protestos e movimentações de representantes da esquerda, imputando e tentando a todo custo reescrever a história.

Figura 7⁷ - “Patriotas Inglórios”: A violência esquerdista.

⁷ MESQUITA, Jonas de. “Patriotas Inglórios”: A violência esquerdista. **Frente Integralista Brasileira**, 2023. Disponível em: <https://integralismo.org.br/colunas/patriotas-inglorios-a-violencia-esquerdista> . Acesso em: 12 de maio de 2024.



Fonte: Frente Integralista Brasileira, 2023.

O funcionamento desse texto se baseia então, justamente no irracionalismo, fruto direto do tradicionalismo, e no culto da “ação pela a ação”, ideias propostas por Eco (2018) como sendo características do “Ur-Fascismo”, a tese defendida durante o texto usa desses artifícios, além de, em seu título, apresentar uma referência extralinguística com o filme “Bastardos Inglórios” (2009), dirigido pelo direto estado-unidense Quentin Tarantino, no filme, vemos um grupo de soldados judeus que formam um esquadrão para caçar nazistas durante a segunda guerra mundial, que criam um plano para assassinar Hitler, uma referência intencional, que buscam ligar os movimentos de esquerda a máquina de propaganda nazista, apresentada no filme, para além de tentar justificar os atos do “8 de janeiro”, busca passar a culpa dos acontecimentos para os seus “inimigos”, a esquerda.

Num jogo mental que faz com que sempre saiam de forma a demonstrarem que sempre estão fazendo o “certo”, levando consigo o sincretismo religioso, o nacionalismo e moralismo social, esses grupos tentam desvencilhar suas imagens das ações truculentas que eles causam/causaram, não só nas décadas passadas como nas movimentações políticas dos últimos anos.

Esse tipo de discurso cria uma realidade paralela aos seus adeptos, realidade essa compartilhada ferozmente em redes sociais e nos canais de comunicação dos movimentos, esse tipo de aparato faz parte direta do aparelho de comunicação desses grupos, a disparada e compartilhamento em massa faz com que mais pessoas sejam informadas e possam cair na máquina de *fake news* fascista.

Esse tipo de movimento, além de ajudar a desacreditar o trabalho jornalístico evidencia cada vez mais a presença do conceito de pós-verdade nas relações traçadas dentro desses movimentos e também o de “analfabetismo funcional”, evidenciado pelo compartilhamento dessas realidades paralelos sem qualquer senso crítico interpretativo ou questionamento do que é real ou não.

A normalização desse tipo de ação faz com que nos acostumemos com a presença desses movimentos em nossa sociedade, o que é parte do plano desses, no entanto, seu combate é justificado pelo crescente número de campanhas que buscam desacreditar essa movimentação, mostrando o que é realmente verdade e o que está acontecendo dentro da sociedade.

Um bom exemplo de campanhas que surgem como uma forma de combater essas ações foi a criação do portal dentro do g1, site de notícias do Grupo Globo, para verificação de fatos verídicos ligados a questões sócio-políticas da sociedade, o site g1.globo.com/fato-ou-fake, ganhou notoriedade durante o período de pandemia da COVID-19, tanto por ser constantemente divulgado, quanto pelo serviço prestado em detrimento das informações falsas transmitidas durante o período em questão.

É cabível afirmar que esses movimentos circulam, e ainda são normalizados, pois esse espaço de pertencimento dos movimentos estão ali, buscando serem preenchidos, em uma sociedade conservadora, graças a um moralismo religioso, antigo demais para ser combatido e uma doutrinação por parte de movimentos e idealizadores preconceituosos, que, até certo ponto, conseguiram não só resistir, como também se manterem cada vez mais fortes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar os discursos totalitários e partir em busca de exemplos desses enunciados é importante para entendermos que essas falas tem um ponto de partida e um contexto histórico que justifica sua existência. Além disso, seu funcionamento faz parte de toda cadeia de influências de figuras históricas do país ante os adeptos, as características desses movimentos estão mais presentes em nossa sociedade do que imaginamos.

É dentro desse contexto que conseguimos entender que a afirmação da língua dentro dos movimentos totalitários ajuda na afirmação desses em detrimento de outros e ajudam no crescimento da disseminação das ideias dentro de determinadas sociedades, não ficando para trás a sociedade brasileira, que nos últimos anos flerta com frequência com todo o ideário profascista compartilhado, principalmente nas redes sociais, de forma escancarada e sem nenhum tipo de censura ou disfarce.

A verdade é que muitos desses discursos já foram normalizados ou já faziam parte do caracteristicamente conservador aparelho ideológico do Estado Brasileiro, que, por mais que muitas vezes tente se disfarçar em meio a pautas progressistas, flerta constantemente com a propagação do neoliberalismo totalitário, supressor de direitos civis em detrimento das “vontades do mercado”.

É nesse contexto que se mostra a importância da frequência de desenvolvimento de estudos na área da Análise do Discurso (AD), pois essa contribui diretamente na compreensão dos discursos que propagam tais ideias. Nesse âmbito, se mostra também muito importante os estudos do pensador e professor italiano Umberto Eco, as quais puderam nos guiar para entender o atual momento sociopolítico nacional.

Os estudos discursivos contribuem na compreensão dos discursos totalitários, esses cada vez mais presentes na sociedade, é de extrema importância que esses discursos sejam estudados para que sejam combatidos da forma mais clara e evidente possível, fomentando o desenvolvimento do pensamento crítico e ajudando no combate à pós-verdade e as *fakes news*.

Sobre o trabalho, ao retomarmos os objetivos, para além das discussões tratadas a respeito dos conceitos discursivos, fica evidente uma clara influência e paralelo nos discursos compartilhados pelos movimentos totalitários na atualidade e as características do “Fascismo Eterno”, propostas por Eco (2018), o que nos faz refletir em como esses movimentos seguem uma cartilha de funcionamento, e mesmo denunciados e divulgados não sentem vergonha em serem o que são, a importância do texto de Eco (2018) é imprescindível para o combate a esse movimentos e se mostra ainda muito atual face aos acontecimentos contemporâneos.

Os conceitos apresentados neste artigo ajudaram não só a entender o funcionamento desses discursos, mas também a basear nossa análise e justificá-la. Os resultados desse estudo podem ser utilizados como uma forma de prevenir a sociedade brasileira do crescimento desses discursos antidemocráticos e totalitários e também como uma forma de combatê-los.

As ideias totalitárias e o fascismo não podem prevalecer novamente. É necessário destruí-los a partir do conhecimento e da educação, mostrando suas incongruências e seus métodos de persuasão, a forma como crescem seus movimentos e como se organizam. É uma batalha de discursos de extrema importância para a sociedade, faz parte do contrato social e de todo o contexto vivido.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença /Martins Fontes, 1970.
- BONVICINI, Mariane Roccelo. **O fascismo das redes sociais: como o desenvolvimento tecnológico, os meios de comunicação de massa e as plataformas sociais estimulam comportamentos fascistas**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.27.2021.tde-28092023-113856>. Acesso em: 08 maio 2024
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CAMARGO, Cássio, M. S. Memória discursiva e análise do discurso na perspectiva pecheuxtiana e sua relação com a memória social. **Saber Humano**, n.14, p. 167-181 Jan./Jun. 2019.
- COURTINE, Jean-jacques. “*Analyse Du discours politique*”. Languages, n62, juin, 1981.
- ECO, Umberto. **O Fascismo eterno**. Tradução de Eliana Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2 ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.
- GIROLA, Maristela Kirst de Lima. Signo e ideologia: a contribuição Bakhtiniana para a filosofia da linguagem. **Língua e Literatura**, São Paulo, Brasil, v. 28, p. 319–332, 2006. DOI: [10.11606/issn.2594-5963.lilit.2006.114680](https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.2006.114680). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/114680>.. Acesso em: 6 jul. 2024.
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MEDEIROS, Caciane Souza de. Formação ideológica: o conceito basilar e o avanço da teoria. In: IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, **Artigo**. Porto Alegre. Porto Alegre: UFRS, 2009. p. 1 – 5.
- MOURÃO, Geraldo Mello. Quem tem medo de Plínio Salgado? . **Casa de Plínio Salgado**, 2023. Disponível em: <https://pliniosalgado.com.br/quem-tem-medo-de-plinio-salgado/> . Acesso em: 12 de maio de 2024.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi (*et al.*). 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. O Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 49 – 56.

SCHERER, A. E.; TASCHETTO, T. R. O Papel da Memória ou a Memória do Papel de Pêcheux para os Estudos Lingüístico-Discursivos (Le Rôle de la Mémoire ou la Mémoire du Rôle de Pêcheux pour les Études Linguistique-Discursives). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 119-123, 2005. DOI: 10.22481/el.v1i1.985. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/985>. Acesso em: 12 de maio de 2024.

SIEBERT, S.; PEREIRA, I. V.. A Pós-Verdade Como Acontecimento Discursivo. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 20, n. 2, p. 239–249, maio 2020.

AGRADECIMENTOS

A todos envolvidos na organização e coordenação do curso de Letras – Português, por todo empenho e solicitude durante os anos no curso.

A minha incrível orientadora, Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Augusto Pereira, por se mostrar tão paciente, por todas as recomendações de leitura e de acertos no texto, e por aceitar me orientar.

A todo o corpo docente do curso que proporcionou momentos engrandecedores dentro da sala de aula que com certeza levarei para a vida.

A minha mãe, Maria de Fátima, doméstica, mãe de três filhos e sertaneja, que me criou sozinha e sempre me apoiou em minhas decisões e fez de tudo para que eu tivesse a melhor educação possível.

As minhas irmãs, Joelma Maria e Janelma Santiago, por todo apoio e aconselhamento.

A minha noiva, Lavínia Santana, futura mãe de meus filhos, por todo magistral apoio, amor e companheirismo no tempo em que estamos juntos.

Aos meus sobrinhos, Gustavo e Jennifer, por alegrarem meus dias.

Aos meus amigos de curso, Karla Rodrigues, Taisa Gleicy, Aluska Lima, Yasmim Renale, Daniely Oliveira, Micaelly Raynara e Rafael Ademar, que com certeza levarei para o resto da minha vida, pela companhia e por tornar tudo mais leve durante a graduação.